

# ADEUS

**Miriam Limoeiro Cardoso**

**F**lorestan morreu. A dor que essa perda causa em nós é imensa e está espalhada em cada canto do país, partilhada por tantos, que se contam aos milhares, não só estudantes, não só operários, não só intelectuais, não só militantes mais e menos revolucionários, não só simples donas-de-casa e homens do povo.

Morte prematura. Nem tivemos a oportunidade de saber se ele resistiria, se sua capacidade de transformar fraqueza em força o faria mais uma vez renascer. Ele que buscou incessantemente a verdade, encontrou a morte num erro, erro que não foi dele. É trágico, revolta, torna ainda mais difícil suportar esse fim.

Seu lugar ficou vazio.

Florestan foi um fazedor de caminhos. Enfrentando toda sorte de dificuldades, abriu caminhos para si mesmo, para a Ciência Social, para a educação pública, para a universidade, para o socialismo.

A adversidade, em vez de o abater, o estimulava. Sabia que era preciso entendê-la para poder vencê-la. Trabalhava o tempo todo, sem trégua, pensando, estudando, pesquisando, para alcançar esse entendimento e oferecê-lo à prática. Quando a ditadura o perseguiu e tentou calar a sua voz, não se calou, respon-

deu com produção ainda maior.

Seu modo de ser, sua reflexão criadora e seu compromisso político se entrecruzam e se integram, fazendo dele um Homem de verdade, raro.

Talvez uma de suas obras mais notáveis tenha sido a vida que soube construir para si próprio e a pessoa que soube tornar-se. Lutou sempre, incansavelmente, obstinadamente às vezes. Lutou contra as condições pesadamente adversas que a situação pessoal e social que herdara lhe impunham. Mas se manteve fiel à sua origem humilde, tomando como dever representar aqueles com os quais ela o identificava, e o fez com vigor e com alegria. Ele os amava. E jamais tomou como seus os valores dominantes que lhe abririam vias mais fáceis para a aceitação e a ascensão social.

Dignidade e integridade o distinguem como pessoa. Era homem de princípios, que o orientavam de fato em todos os planos da sua vida. Homem que não fazia concessões e não se deixava vergar, seja pelo poder, seja por interesses mesquinhos. Sendo ele assim, não é difícil entender por que alguns o temiam ou mesmo não o toleravam, mas também por que tantos o admiravam e o amavam e vão continuar a admirá-lo e a amá-lo.

A preocupação ética o acompanhava também no seu trabalho

intelectual e político. Entendia que ciência e ordem social iníqua são eticamente incompatíveis e, portanto, que a liberdade, a crítica e o compromisso social são condição da atividade intelectual e científica. Conseqüentemente, Florestan Fernandes era muito exigente consigo mesmo. Buscou sempre uma prática intelectual/política que lhe permitisse produzir o máximo de conhecimento rigoroso necessário à transformação da sociedade, conhecimento capaz de oferecer suporte “para abrir ou aprofundar rupturas com a ordem”, procurando ampliar tanto quanto possível o alcance desse conhecimento para despertar consciências, no rumo da construção de uma sociedade nova e de homens comprometidos com essa construção.

Florestan Fernandes era socialista. Durante quatro anos de sua juventude, participou do movimento trotskista. Em seguida, admitiu que poderia ser mais útil como intelectual do que na militância direta, mas sem perder de vista o horizonte da luta pelo socialismo. Mais recentemente, retornou à atividade política como tal, exercendo um grande trabalho pedagógico/político através da publicação periódica de seus textos em grandes jornais e se tornando parlamentar pelo Partido dos Trabalhadores, como deputado federal constituinte e

num segundo mandato como deputado federal.

Crítico severo do capitalismo, não acreditava que as injustiças e a opressão geradas pela ordem capitalista pudessem ser equacionadas e resolvidas dentro desta mesma ordem. Foi permanentemente um militante pela liberdade, pela democracia da maioria e pela revolução socialista.

Florestan amou sobretudo a liberdade. Num mundo tão opressor e tão indigente de coragem e de lucidez, alguém como ele vai fazer falta, muita falta.

Florestan Fernandes é o nome maior da sociologia no Brasil. Sua produção científica, cujo reconhecimento ainda não alcançou a medida real do seu valor, o coloca entre os grandes da Ciência Social mundial. Ele foi, sim, um formador, um mestre, mas foi, acima de tudo, um cientista, um grande cientista.

Na universidade, não se contentou com abrir espaço apenas para a sua própria afirmação profissional. Dedicou-se a formar pessoas, educando-as para a tarefa científica, incutindo-lhes a necessidade da formação em profundidade, do rigor e da disciplina para a investigação científica sistemática. Incentivador do trabalho coletivo, não exigia, porém, identidades, mas reconhecia e aceitava de bom grado as diferenças. Seu intuito era constituir equipes de trabalho capazes de produção autônoma e de alto nível, para o que oferecia os maiores estímulos de que pudesse dispor.

A sua atividade formadora, no entanto, foi ainda mais ampla. Foi um ardoroso defensor da educação pública e gratuita no Brasil, tendo participado ativamente das lutas desta causa, seja na Campanha de Defesa da Escola Pública, seja na elaboração da Constituição de 1988 ou nos encaminhamentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ainda não concluída. E foi

um construtor de espaços institucionais para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino das Ciências Sociais. Sua contribuição para a construção da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo foi, neste sentido, enorme e ímpar. Dela se afastou quando foi compulsoriamente “aposentado” pelo AI-5 em abril de 1969 e, anos mais tarde, por decisão própria, ao reconhecer os limites institucionais e o isolamento cultural da universidade.

Florestan Fernandes foi um fundador de ciência. Ele sabia que estava implantando a sociologia e a investigação sociológica científica em nosso meio. Mas seu trabalho na área da ciência produziu frutos ainda maiores e mais belos. Seu esforço intelectual concretizou-se numa obra que não é somente vasta, mas é de ponta e, acima de tudo, é definidora de uma problemática nova, a partir da qual e dentro da qual se passou a pensar o Brasil e o capitalismo dependente. Ele é o autor, na ciência, de um universo de problemas original e fecundo. Não mais as origens, as três raças e a miscigenação, conforme um viajante de outrora, que havia recomendado como se devia estudar a história do país. Não mais a tentativa de marcação de traços psicológicos trazidos para o campo social. Mas sim uma problematização sociológica, ao nível macro-histórico e estrutural, das questões vivas e candentes da sociedade, na época. E mais, tais questões problematizadas com rigor conceitual e com tratamento analítico compatível com a teorização explicativa que se espera de procedimentos científicos. Deve-se acrescentar que isso tudo ele fez mantendo uma grande coerência interna, coerência que deriva da perspectiva sob a qual ele trabalhou desde sempre, a ótica dos dominados e dos excluídos, do ponto de vista da transformação social.

Quando a sociologia no Brasil se desloca deste para outros universos de problemas, faz uma opção, a qual se afirma negando — e, se possível, esquecendo e fazendo esquecer — a problemática florestaniana e toda a sua coerência teórica, metodológica e política, o que seguramente não deixa de ter nítido significado teórico, metodológico e político.

A problemática constituída por Florestan Fernandes não se esgotou. Não somente porque é parte de uma obra científica de valor, que, como tal, é perene, mas porque permite pensar fundamentamente, entender e explicar a sociedade viva e em movimento da qual fazemos parte. Essa problemática não é, portanto, um arcaísmo, ela não é apenas coisa do passado. As formas, os conflitos e as lutas presentes se esclarecem quando colocados sob a sua reflexão e a sua luz. Trabalhando com essa problemática, fica fácil perceber, nela e com ela, que Florestan está vivo!

Devemos, portanto, falar de Florestan Fernandes no presente. Sua obra está inscrita definitivamente na construção da Ciência Social. Seu modo de ser está marcado naqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele, naqueles que ouviram a sua voz ou acompanharam os seus gestos e os seus sonhos, e permanecerá como exemplo de uma vida toda vivida no mais alto nível de integridade pessoal, intelectual e política.

E, como ele costumava dizer ultimamente, enfrentando sempre tão digna e corajosamente a doença e seus continuados e atroz sofrimentos: É preciso ter paciência! E continuar lutando!

---

*Miriam Limoeiro Cardoso é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais. Atualmente desenvolve a pesquisa “Para uma história do socialismo no Brasil: a obra de Florestan Fernandes”.*